

País tem menos leitos que o ideal

JORNAL DO BRASIL

6661 09V-2.1

1.2 AGO 1995

Uma surpreendente radiografia da situação da assistência médico-sanitária do país foi divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e mostra por que o Brasil continua no Terceiro Mundo. Com números pesquisados em 1992, o estudo — à disposição dos usuários em disquetes — demonstra que em dez anos o número de leitos por mil habitantes caiu de 4,3, em 1982, para 3,2 em 1992, ambos os índices abaixo da proporção recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), 5 leitos/mil habitantes.

A pesquisa deixa claro também que o setor público financia o setor médico-sanitário privado. Cerca de 90% dos 49.776 estabelecimentos pesquisados — entre postos ou centros de saúde, ambulatórios e clínicas, hospitais e unidades mistas e serviços de apoio de diagnóstico e terapêutico — nada menos que 90% mantinham convênio com órgãos públicos, seja o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), instituições federais, estaduais e/ou municipais. Só 54% tinham contrato com empresas ou seguros particulares.

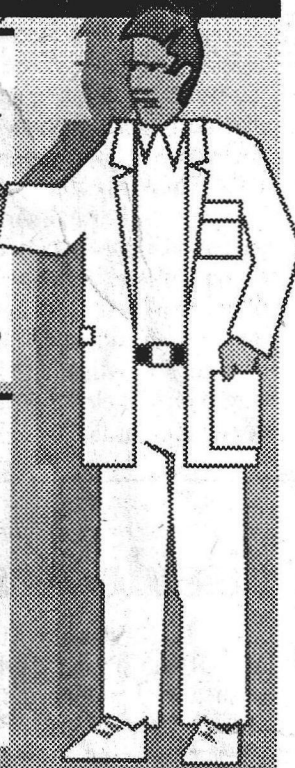
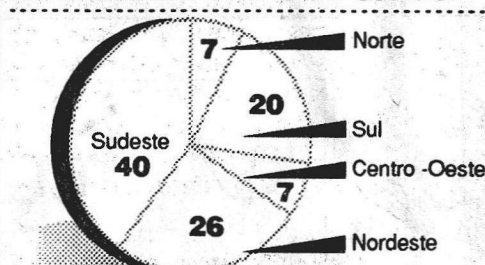
Não é de se estranhar então que o setor público tenha respon-

O DIAGNÓSTICO DA SAÚDE

Distribuição da capacidade instalada em saúde



Distribuição regional dos estabelecimentos de saúde



dido pela maioria das consultas médicas, que em 1992 atingiu a média de 2,1 por habitante/ano. O acesso aos serviços de saúde confirma também as desigualdades regionais. Se em São Paulo e Rio de Janeiro as consultas atingem a média de 3 por habitante/ano, no

Nordeste, ela é a metade: 1,5 por habitante/ano.

O setor público é também o maior empregador na área de Saúde, com 56,2% do quase um milhão de empregos, dos quais 30% pertenciam à categoria médica, 6% a de pessoal técnico e

47,2% a de auxiliares. Uma conclusão a que o IBGE chegou: os estabelecimentos de saúde estão dando prioridade à contratação de pessoal com salários mais baixos em detrimento dos melhores qualificados e com formação especializada.

O estudo mostra ainda que foram realizados 1.140.185 cesarianas no país, em 1992, correspondendo a 35% dos partos. O número é considerado excessivamente alto. “Parece que a casariana já se tornou comum e está elevada”, afirmou a pesquisadora Lilibeth Cardoso Ferreira, do Departamento Estudos e Indicadores Sociais do IBGE.

Mato Grosso do Sul, com 52%, é o estado que mais realizou cesarianas. Lá inexistia hospital público, apenas a rede privada e conveniada, segundo Luiz Antonio Oliveira, chefe do Departamento de Estatística e Indicadores Sociais. Na cidade de Campo Grande (MS), o percentual de cesarianas é de 69%.

Na distribuição geográfica dos serviços de Saúde, São Paulo ficou com 18%, Minas (12%), Rio Grande do Sul (8%), e Paraná e Rio de Janeiro empatados com 7,5%. A Região Metropolitana do Rio (14 municípios) concentra 63% dos estabelecimentos.